



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

GEOPOLÍTICA DAS TERRAS RARAS NO BRASIL: poder estrutural e o posicionamento estratégico no cenário de fragmentação do multilateralismo e da multipolaridade

Roberto Rodolfo Georg Uebel¹
roberto.uebel@espm.br

Aldomar Arnaldo Rückert²
aldomar.ruckert@gmail.com

(x) Apresentação Oral (GT)

() Exposição de Banner

GT pretendido: GT 5: Integração Regional, Regionalismo e Novos Espaços de Cooperação e Conflito Internacional

RESUMO

Este trabalho analisa o papel do Brasil na cadeia global de valor das terras raras sob a ótica da Economia Política Internacional e da Geopolítica. Utilizando o conceito de *Poder Estrutural* de Susan Strange e a análise de rivalidades territoriais de Yves Lacoste, o estudo investiga como o Brasil pode instrumentalizar suas reservas minerais como ferramenta de barganha diplomática e econômica, bem como de posicionamento estratégico frente aos Estados Unidos sob a administração Trump, China e à Rússia. A pesquisa argumenta que o Brasil possui uma janela de oportunidade para transcender a condição de mero exportador de *commodities*, utilizando a "segurança de suprimento" (*security of supply*) demandada pelo Ocidente e a necessidade de manutenção de mercados da China para fomentar a industrialização nacional. Conclui-se que o sucesso desta estratégia depende da capacidade estatal de gerir conflitos territoriais internos e de exercer um pragmatismo transacional externo.

Palavras-chave: Terras raras; Geopolítica; Brasil; Susan Strange; Yves Lacoste.

INTRODUÇÃO

A transição energética global e a corrida tecnológica militar transformaram os minerais críticos, especialmente as terras raras, em ativos de segurança nacional. O Brasil, detentor da segunda maior reserva mundial desses recursos, encontra-se em um ponto de inflexão estratégico. Historicamente posicionado como exportador de *commodities* brutas, o país enfrenta agora o desafio de redefinir sua inserção nas

¹ Doutor em Estudos Estratégicos Internacionais (UFRGS). Professor do Curso de Relações Internacionais e do Programa de Pós-Graduação em Administração e Coordenador do Núcleo de Estudos e Negócios Americanos (NENAM), Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo/SP.

² Doutor em Geografia (USP). Professor Titular do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia e Coordenador do Laboratório Estado e Território (LABETER), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS.

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026
Porto Velho-RO
vcongeo2026@unir.br
[@vcongéo2026](https://www.instagram.com/vcongéo2026)
vcongeo2026@unir.br
www.even3.com.br/vcongéo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

Cadeias Globais de Valor (CGV) em um contexto de fragmentação da ordem internacional e de acirramento da rivalidade sino-americana.

O presente trabalho tem como objetivo analisar como o Estado brasileiro pode instrumentalizar suas reservas de terras raras não apenas como vantagem comparativa econômica, mas também como ferramenta de poder diplomático e de barganha geopolítica. O problema de pesquisa central investiga de que maneira o Brasil pode transitar entre as pressões dos Estados Unidos — sob a perspectiva das políticas protecionistas ou de "America First" da segunda administração de Donald Trump —, a hegemonia de processamento da China e a parceria pragmática com a Rússia, maximizando ganhos tecnológicos e industriais. A hipótese central é que a "segurança de suprimento" (*security of supply*) demandada pelo Ocidente oferece ao Brasil uma janela de oportunidade única para negociar a industrialização do setor mineral, desde que supere seus desafios internos de governança e de coesão territorial.

METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e exploratória, fundamentada na revisão bibliográfica e na análise de cenários prospectivos. O arcabouço teórico articula duas vertentes clássicas da Economia Política Internacional e da Geografia Política para interpretar o fenômeno:

1. **Poder Estrutural (Susan Strange):** Utiliza-se a taxonomia de Strange para examinar como as terras raras conferem poder sobre as quatro estruturas primárias da economia global: a estrutura de **Segurança** (redução de vulnerabilidades militares), de **Produção** (controle da cadeia de manufatura de alta tecnologia), de **Finanças** (atração de investimentos de capital intensivo) e do **Saber** (domínio tecnológico no processamento e na separação de óxidos).
2. **Geopolítica e Rivalidades Territoriais (Yves Lacoste):** Aplica-se o conceito de geopolítica como o estudo das rivalidades de poder no território. A análise opera em duas escalas: a **externa**, em que o território brasileiro é disputado como zona de influência ("friendshoring") ou como reserva de recursos; e a **interna**, na qual se analisam as "representações geopolíticas" conflitantes entre o imperativo da extração mineral e a preservação ambiental e os direitos territoriais indígenas, identificando o risco de "bloqueio social" (*social blockage*) como variável crítica de insegurança.

ANÁLISE DE RESULTADOS

A aplicação das matrizes teóricas de Strange e Lacoste ao caso brasileiro revela um cenário de "Tripla Barganha Estratégica", em que o Brasil atua como um *swing state* mineral capaz de arbitrar tensões interpotências.

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026

Porto Velho-RO

vcongeo2026@unir.br

@vcongeo2026

vcongeo2026.unir.br

www.even3.com.br/vcongéo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

1. A Frente Norte-Americana: *Friendshoring* e Reindustrialização Sob a ótica do Poder Estrutural de Segurança, os Estados Unidos identificam a dependência das terras raras chinesas como uma ameaça existencial à sua base industrial de defesa. Em um cenário de administração republicana (ex.: Donald Trump), a pauta climática tende a ser secundarizada em favor da segurança nacional pura.

Resultado da Análise: O Brasil possui alavancagem para negociar um acordo de "fornecimento seguro" que vá além da exportação bruta. A barganha envolve oferecer acesso privilegiado a depósitos estratégicos (como Poços de Caldas/MG e Santa Quitéria/CE) em troca de: (a) isenção de tarifas protecionistas sobre aço e alumínio; (b) financiamento direto via *Development Finance Corporation* (DFC) para infraestrutura logística, sem as condicionalidades ambientais estritas que paralisam projetos sob administrações democratas; e (c) inclusão do Brasil nas cadeias de suprimento norte-americanas.

2. A Frente Chinesa: O Poder do Saber e da Produção. A China detém o quase-monopólio do *midstream* (processamento) e do *downstream* (manufatura de ímãs). Para Pequim, o Brasil é vital para a manutenção dos fluxos de minério bruto (*upstream*).

Resultado da Análise: A estratégia brasileira, identificada na pesquisa, deve ser a de utilizar a ameaça de alinhamento preferencial com os EUA para obter concessões tecnológicas da China. Em vez de apenas exportar os minerais críticos, o Brasil deve condicionar o acesso contínuo chinês à instalação de plantas de separação e refino em solo nacional. Trata-se de usar o "Poder de Produção" chinês contra ele mesmo, forçando uma transferência de *know-how* (Estrutura do Saber) sob pena de perder acesso à segunda maior reserva do mundo para o rival americano.

3. A Frente Russa: Prospecção e Insumos Agrícolas A relação com a Rússia opera na intersecção entre segurança alimentar e energética.

Resultado da Análise: Embora a Rússia não seja protagonista em terras raras como a China, ela detém tecnologias de prospecção profunda e nuclear. A barganha brasileira aqui é transacional: manutenção da neutralidade diplomática e oposição a sanções unilaterais nos fóruns do BRICS, em troca da garantia do fluxo de fertilizantes (potássio) e de diesel, essenciais para o agronegócio, que financia a balança comercial brasileira.

4. O Desafio Interno: A Geopolítica Lacostiana A análise aponta que o maior entrave a essa projeção de poder é doméstico. As "rivalidades territoriais" internas — conflitos entre mineradoras, comunidades locais e regulação ambiental — geram insegurança jurídica. Sem legitimidade democrática e mecanismos de compensação social estruturados, os projetos de mineração enfrentam resistência local, o que afeta a confiabilidade do Brasil como fornecedor ("*Governance Gap*"). O poder de barganha externo depende, portanto, da capacidade estatal de pacificar e ordenar o território interno.

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026
Porto Velho-RO
vcongeo2026@unir.br
@vcongeo2026
vcongeo2026.unir.br
www.even3.com.br/vcongeo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada permite corroborar a hipótese de que o Brasil detém condições materiais — geológicas e estratégicas — para exercer o que conceituamos como "Não-Alinhamento Ativo Mineral". Conclui-se, à luz da teoria de Susan Strange, que a simples dotação de recursos naturais (vantagem comparativa) é insuficiente para alterar a posição do país na hierarquia internacional, se não houver a conversão desses ativos em Poder Estrutural, especificamente por meio do domínio das estruturas de Produção e do Saber.

Os resultados indicam que a viabilidade dessa estratégia de barganha geopolítica depende de duas variáveis críticas. Externamente, depende da capacidade do Estado de manter a autonomia decisória diante das pressões exógenas, utilizando a rivalidade sino-americana para internalizar etapas de maior valor agregado da cadeia produtiva (processamento e manufatura de ímãs), superando o modelo neoextrativista. Internamente, conforme a abordagem lacostiana, a eficácia da política externa mineral está subordinada à gestão das rivalidades territoriais domésticas. Sem a mitigação dos conflitos socioambientais e a construção de legitimidade local ("*durable consent*"), a garantia de "segurança de suprimento" prometida aos parceiros internacionais torna-se volátil, fragilizando o poder de negociação do Brasil.

Em suma, a pesquisa demonstra que a janela de oportunidade para a reindustrialização por meio de terras raras é finita. O êxito nacional não reside na escolha exclusiva de um parceiro hegemônico, mas na instrumentalização pragmática da competição entre as grandes potências. Recomenda-se, por fim, que investigações futuras aprofundem a análise das condicionalidades técnicas presentes nos acordos de transferência de tecnologia mineral firmados no âmbito do BRICS e da política externa brasileira, a fim de refinar as políticas públicas voltadas à mineração estratégica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRIDGE, G. Global production networks and the extractive sector: Governing resource-based development. **Journal of Economic Geography**, v. 8, n. 3, p. 389–419, 2008.

KALANTZAKOS, S. **China and the geopolitics of rare earths**. Oxford: Oxford University Press, 2018.

LACOSTE, Y. **A geopolítica e o saber**: Dicionário da Geografia. São Paulo: Papirus, 2012.

STRANGE, S. **States and markets**. 2. ed. Londres: Bloomsbury Academic, 2015.

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026
Porto Velho-RO
vcongeo2026@unir.br
@vcongeo2026
vcongeo2026.unir.br
www.even3.com.br/vcongeo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

UEBEL, R. R. G. **Securing the Supply**: Critical Minerals Governance, Democratic Resilience, and the Future of Friendshoring in the Americas. Projeto de Pesquisa (Wilson Center Fellowship Application). São Paulo/Washington D.C., 2025.

WORLD BANK. **Minerals for climate action**: The mineral intensity of the clean energy transition. Washington, D.C.: World Bank, 2023.

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026
Porto Velho-RO
vcongeo2026@unir.br
@vcongeo2026
vcongeo2026.unir.br
www.even3.com.br/vcongeo-638599/